

ESTUDO ETNOGRÁFICO NO CURSO DE MATEMÁTICA LICENCIATURA NOTURNO

GERMANO MÜLLER¹; LOUISE PRADO ALFONSO²

¹Universidade Federal de Pelotas – mullergermano@bol.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – louise.alfonso@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a apresentar um estudo etnográfico realizado por mim, no curso de graduação em Licenciatura em Matemática Noturno. O referido estudo aconteceu de forma continuada, desde quando iniciei o curso em 2011 e vem ocorrendo de forma sistemática nos semestres do ano de 2018, após ter conhecimento sobre o tema na cadeira de Antropologia. Tal análise inclui perguntas que foram feitas por mim às/aos discentes do curso de Matemática Licenciatura Noturno e visa analisar o motivo das desistências do curso.

A etnografia é o estudo da cultura ou do modo de agir das pessoas em determinadas situações. Para tal, uma análise etnográfica se fundamenta na empiria, onde a/o pesquisador/a busca vivenciar aquele cenário alvo de investigação. Como nos afirma MATTOS (2011): “Etnografia é também conhecida como: observação participante, pesquisa interpretativa, pesquisa hermenêutica, dentre outras. Compreende o estudo pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas(...)”

O que me motivou fazer tal estudo foi ter executado algo semelhante durante a cadeira de Antropologia, cursada por mim em 2018/1. Na referida matéria fiz um estudo etnográfico no Mercado Central de Pelotas e este me instigou a questionar algumas coisas no curso de Matemática Licenciatura Noturno. Faço saber que Antropologia não está na grade curricular da Matemática, tampouco como cadeira optativa, e por minha conta me matriculei para agregar na minha formação.

O objetivo de tal observação foi responder ao questionamento levantado por meus colegas de curso e por mim como etnólogo. Por qual motivo existe tão grande evasão do curso?

2. METODOLOGIA

Tendo essa pergunta como norteadora, iniciei minha pesquisa etnográfica com aquelas/es amigas/os de curso os quais já fui colega e que sei que estão na iminência de abandonar a faculdade. Esta maneira de estudar um grupo social leva em consideração como afirma MATTA (2011): “O trabalho de campo envolve métodos e procedimentos nos quais temos que ser radicalmente indutivos para a seleção do que deve ser importante para a pesquisa.”

Além disso precisamos saber que somos uma sociedade a qual está inserida numa cultura. Como nos afirma TYLOR “Tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

Nesse sentido, fazemos parte da sociedade e da cultura Ocidental. Nos afirma PAIM (s.d.): “Numa primeira aproximação, a originalidade da cultura ocidental estaria na criação da ciência, da tecnologia e de outros elementos assemelhados”. Desta maneira, há uma grande exigência por parte da sociedade

de se fazer uma faculdade. Seja por fins meramente financeiros, pois sabe-se que alcançam melhores salários, ou pelo *status* social que um curso superior pode dar.

O foco do meu estudo é o curso de Licenciatura em Matemática Noturno, que é onde estou inserido. Desta maneira busquei investigar as características comuns dessas/es estudantes que não conseguiam progredir na Licenciatura em Matemática e acabam abandonando a Universidade. Assim, consegui perceber as principais semelhanças nesse grupo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiro e mais frequente razão defendida, por ser um curso noturno, é o fato de as/os acadêmicas/os trabalharem durante o dia e não terem tempo para estudar. Aliado a isso, minha percepção diz que a média de idade das/os discentes é mais alta que de um curso diurno, o que demonstra que normalmente essas pessoas tem vários outros afazeres durante o dia, como família, trabalho e outras obrigações, o que realmente torna cansativo e talvez desmotivadora uma aula noturna.

Por exemplo, é o que disse o aluno A quando perguntado sobre o que o faria desistir do curso:

"-Bah, trabalhei o dia inteiro, chega essa hora tamo cansado né."

A segunda razão seria que grande parte das/dos discentes apresenta preocupação quanto à sua inserção depois de formada/o, sabendo dos baixos salários e pouco reconhecimento pelo profissional professor. Como vemos nesses dados indicados pela revista Veja: "Dados da OCDE (Organização para a Cooperação Desenvolvimento Econômico) mostram que os salários dos professores brasileiros são extremamente baixos quando comparados a países desenvolvidos." Ou ainda como falou o aluno B:

"Que que adianta estudar 5anos pra ganhar um salário mínimo depois?"

E a terceira, mas não menos importante, foi a reclamação quase unânime das/os professoras/es. A principal contestação por parte das/os minhas/meus colegas é do pouco interesse das/os docentes em dar uma aula mais atrativa e menos cansativa, além do descaso para com as/os alunas/os perante suas dificuldades.

Sabe-se da distinta característica da Matemática de ser uma matéria difícil, com muita abstração e necessidade de repetição, as vezes exaustiva de exercícios, para seu total entendimento. Porém, muitas vezes, não se vê nas/os professoras/es do Curso Superior a preocupação com a didática. No mesmo sentido, sabe-se que muitas/os dessas/es professoras/es são formadas/os em bacharelados, não tendo em seus currículos muitas cadeiras de Ensino. Sabe-se que uma boa interação aluna/o-professor/a é fundamental para o bom desempenho da/o educanda/o. Como afirma FREIRE (2007): "O educador e o educando são sujeitos do processo educativo, ambos crescem juntos nessa perspectiva."

Percebe-se até mesmo algumas situações constrangedoras e de humilhação de alunas/os, como no discurso do aluno C:

"-Naquela aula o professor X me disse –mas isso até um aluno do Ensino Fundamental sabe, eu não vou explicar, você tem a obrigação de saber."

Na contramão disso, existe por exemplo o projeto GAMA que visa a permanência das/os discentes no curso. Há também professoras/es que são motivadoras/es e incentivadoras/es, mas as/os negligentes se sobressaem.

Até o momento, com essa minha pesquisa, pude ver os principais motivos dos abandonos no curso de Matemática Licenciatura Noturno. Existem outras justificativas como, por exemplo, a dificuldade de deslocamento, troca de curso, problemas de saúde, etc. Mas, os mais notáveis são, em ordem: a falta de tempo para estudar por outras ocupações durante o dia, a baixa perspectiva profissional futura e o insatisfatório relacionamento com as/os docentes do Ensino Superior.

Outro diagnóstico que eu pude aferir com esta etnografia, é a equivalência de abandonos do curso entre homens e mulheres. Da mesma, não pude ver qualquer relação de gênero relacionada às desistências. Ainda que uma pesquisa mais aprofundada tendo como bússola a questão de gênero possa me contradizer, pois não foi esse o meu foco, achei interessante fazer essa afirmação.

Busquei com essa análise etnográfica relativizar ao máximo minha opinião, mesmo sabendo que é algo que escapa à nossa capacidade, por estar inserido nessa cultura acadêmica.

4. CONCLUSÕES

Desta maneira, é somente a segunda vez que faço uma análise etnográfica onde busco olhar de fora uma situação, percebo a etnografia como fundamental para um estudo da cultura de um grupo de habitantes.

Com este estudo, concluo que estudos etnográficos podem ser o princípio para termos dados com os quais podemos melhorar o relacionamento das pessoas. Neste caso, sabendo-se os motivadores das desistências das/os alunas/os, pode-se fazer políticas para combater tal efeito.

Percebo também que cadeiras como antropologia deveriam fazer parte do currículo da matemática, nem que fosse como matéria optativa, para que o estudante e futuro professor pudesse fazer análises como esta sobre o seu curso e sobre a sociedade em que estão inseridos os seus futuros alunos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENEDICT, R. et al. **Cultura e personalidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2015
- BLOCH, M. **Apologia da História ou o Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2002.
- FUENTES, A. **Salário dos professores brasileiros está entre os piores do mundo**. Brasil. Revista Veja: Publicado em 10 set 2014, 08h00. Online. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/impavido-colosso/salario-dos-professores-brasileiros-esta-entre-os-piores-do-mundo/>
- LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.
- MATTOS, C.L.G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, C.L.G., and CASTRO, P.A. orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB. 2011. pp. 49-83.
- PAIM, A. et al. **A Cultura Ocidental**. Curso de Humanidades. s.l. s.d.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.